

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO**  
**Curso de Pedagogia**

**Adriana Pereira da Silva**  
**Andressa Marques Restrepo**

**O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA DE APRENDIZAGEM**

**São Paulo**  
**2023**

**Adriana Pereira da Silva**  
**Andressa Marques Restrepo**

## **O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA DE APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro Universitário São Camilo, orientado pela Profa. Dra. Wanusa Rodrigues da Silva, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

**São Paulo**  
**2023**

**Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecas São Camilo**

Silva, Adriana Pereira da

O estudo do meio como prática da aprendizagem / Adriana Pereira Da Silva, Andressa Marques Restrepo. -- São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2023.  
29 p.

Orientação de Wanusa Rodrigues da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (Graduação), Centro Universitário São Camilo, 2023.

1. Educação integral 2. Ensino e aprendizagem 3. Ensino fundamental 4. Interdisciplinaridade 5. Prática de ensino I. Restrepo, Andressa Marques II. Silva, Wanusa Rodrigues da III. Centro Universitário São Camilo IV. Título

CDD: 371.3

## **DEDICATÓRIA**

Obra dedicada a Vera Lucia Ferreira dos Santos (in memoriam).

Andressa Marques Restrepo

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a todos os docentes de Pedagogia do Centro Universitário São Camilo, especialmente à professora Wanusa, nossa orientadora. Obrigada por todos os ensinamentos, dedicação, apoio, paciência e motivação.

## RESUMO

SILVA, Adriana Pereira da; RESTREPO, Andressa Marques. O Estudo do Meio como Prática de Aprendizagem. 2023. 27 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2023.

O Estudo do Meio é uma metodologia pedagógica distinta das convencionais, pois possibilita aos alunos a vivência prática dos conteúdos escolares de forma interdisciplinar e coletiva, integrando diversos saberes ao abordar os conhecimentos tradicionalmente relacionados a disciplinas específicas. O Estudo do Meio ultrapassa o ambiente escolar e ocorre em espaços não formais da educação, fazendo-se necessário o planejamento de suas etapas para o alcance do objetivo de estudos. A partir dos conteúdos ministrados em sala de aula, do contato direto com a realidade a ser estudada, da dialogicidade e trocas de experiências, o Estudo do Meio contribui para a construção de saberes pelos e entre os sujeitos envolvidos, fornecendo elementos para que os alunos possam construir sua própria leitura de mundo e compreender a realidade material e das relações sociais vividas que se constroem no espaço local. É uma metodologia que permite que os conteúdos façam sentido aos alunos, e a construção do conhecimento se dá de forma individual através de suas percepções subjetivas e coletivas devido a interação entre eles. Ela também permite aos professores que deixem de ser meros detentores e reprodutores de conhecimentos e criem suas práticas pedagógicas, instigando o interesse dos alunos de modo que processo de ensino-aprendizagem se torne mais significativo e proporcione um olhar crítico e investigativo, entendendo-se como elo entre o aluno e conhecimento.

**Palavras-chave:** Estudo do Meio. Interdisciplinaridade. Anos iniciais do Ensino Fundamental. Ensino-aprendizagem. Práticas pedagógicas. Educação Integral.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>2</b>
<b>1 ESTUDO DO MEIO COMO PROPOSTA INTERDISCIPLINAR</b>	<b>4</b>
1.1 A interdisciplinaridade	4
1.2 Gestão do tempo e modalidades organizativas	5
1.2.1 Projetos e a interdisciplinaridade	6
1.3 O Estudo do Meio	7
1.3.1 Origem do Estudo do Meio	8
1.3.2 O Estudo do Meio: Prática e resultados	9
<b>2 PLANEJAMENTO DO ESTUDO DO MEIO</b>	<b>10</b>
2.1 A escolha do tema a ser estudado – Etapa 1	10
2.1.1 A escolha do local para a prática do Estudo do Meio	11
2.1.2 A organização, autorizações e o transporte para o local	11
2.2 Durante a permanência no local – Etapa 2	11
2.3 Percepções quanto aos aprendizados – Etapa 3	11
<b>3 ENSINAR E APRENDER EXPLORANDO O MEIO</b>	<b>13</b>
3.1 O papel do aluno	13
3.2 O papel do professor	14
3.2.1 Educação Integral	16
3.2.2 O papel da escola na Educação Integral	16
3.2.3 O papel do território e da intersetorialidade	17
3.3 O papel da escola	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>22</b>

## INTRODUÇÃO

O Estudo do Meio é considerado uma metodologia pedagógica distinta das metodologias tradicionais, pois possibilita aos alunos a vivência prática dos conteúdos conhecidos nas disciplinas escolares de forma interdisciplinar e coletiva, através do contato direto com a realidade a ser estudada.

Em consulta ao artigo O Estudo do Meio como Metodologia de Ensino: Considerações sobre a Possibilidade da Aprendizagem por Meio do Lazer e do Lúdico, vimos:

As atividades de EM permitem que os alunos vivenciem os conteúdos conhecidos nas disciplinas escolares (...). O importante é entender o meio para assim expor os diversos temas ao/com o aluno, de forma concreta e diferente daquela com que são trabalhados em sala de aula, proporcionando alternativas criativas para o estudo. (ANDRADE, 2013, p.2)

Conforme outro artigo, O Estudo do Meio: Teoria e Prática:

A realização dos Estudos do Meio pode tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem e proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social. Trata-se de verificar a pertinência e a relevância dos diversos conhecimentos selecionados para serem ensinados no currículo escolar e, ao mesmo tempo, lançar-se à possibilidade da produção de novos conhecimentos, a elaboração contínua do currículo escolar. (LOPES, 2009, p.174)

O propósito deste estudo é identificar como o Estudo do Meio pode ser útil no processo de ensino-aprendizagem dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental para além das condutas adotadas no currículo escolar, visando uma proposta interdisciplinar de modo que a realidade vivenciada pelos discentes proporcione o alcance a conteúdos e disciplinas diversas com sentido e significância para eles. Também temos por objetivo entender como relacionar o conhecimento com a práxis pedagógica e com os conteúdos ministrados em sala de aula, evidenciar como as atividades que englobam o Estudo do Meio podem resultar na melhor compreensão dos conteúdos de forma individual e coletiva para os educandos, captar a importância da participação dos alunos na programação dos projetos que o envolve, e investigar quais estratégias devem ser adotadas para que o Estudo do Meio tenha êxito e seja eficaz para a aprendizagem dos alunos.

Com base nesse contexto, a aspiração em pesquisar a prática de ensino-aprendizagem pautada no Estudo do Meio surgiu por ser uma abordagem que tende a auxiliar na construção e integração dos saberes dos alunos, complementando os já absorvidos em sala de aula e em pesquisas investigativas a um determinado tema, mediante às experiências adquiridas por métodos empíricos. Esse processo de troca em que o aprendizado ocorre entre pares e o professor cumpre o papel de intermediador na aquisição dos saberes, fez com que nós almejássemos nos aprofundar cientificamente no tema e explicar os resultados.

Para atingir tais objetivos, realizaremos uma pesquisa bibliográfica, que por definição é:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.54)

Serão consultados artigos como *O Estudo do Meio como Metodologia de Ensino: Considerações sobre a Possibilidade da Aprendizagem por Meio do Lazer e do Lúdico*, visando aproximar o Estudo do Meio com o lúdico, na intenção de compreender e se fazer entender os conteúdos relacionados a essa metodologia com as vivências pedagógicas dentro e fora da sala de aula.

Dentre outros estudos, a primazia também será abordada o artigo *O Estudo do Meio: Teoria e Prática*, para pesquisar estratégias de como o Estudo do Meio poderá compor a prática docente e tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, proporcionando um olhar crítico e investigativo aos envolvidos e possibilitando a produção de novos conhecimentos para além do currículo escolar, visando a interdisciplinaridade.

# 1 ESTUDO DO MEIO COMO PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

## 1.1 A interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade é uma metodologia que perpassa a percepção fragmentária para uma concepção unitária do conhecimento, integrando diversos saberes ao abordar conteúdos tradicionalmente relacionados a disciplinas específicas.

Compreende-se a origem etimológica da palavra interdisciplinaridade como um ato de troca entre os ramos científicos:

O prefixo inter, dentre as diversas conotações que podemos lhe atribuir, tem o significado de "troca", "reciprocidade" e "disciplina", de "ensino", "instrução", "ciência". Logo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo um ato de troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências – ou melhor, de áreas do conhecimento. (FAZENDA, 2011, p. 22)

Na proposta de ensino interdisciplinar, conforme Nogueira e Megid Neto (2013):

O trabalho interdisciplinar propõe que os professores dialoguem entre si, que não haja supremacia entre as disciplinas e que os estudos dos conteúdos curriculares ocorram de forma inter-relacionada, partindo das diversas contribuições disciplinares. Na relação professor-aluno, a interdisciplinaridade convoca esses atores para fazerem do processo de aquisição do conhecimento algo ligado às necessidades da vida cotidiana e do mundo social, valorizando os conteúdos assimilados pelos alunos fora da escola. Nessa perspectiva, o ambiente escolar se transforma num lugar instigante à busca de conhecimentos que promovam a autonomia intelectual e a atitude democrática. (NOGUEIRA; NETO, MEGID, 2013, p. 27).

Com base na citação anterior, constata-se que a interdisciplinaridade consiste na interação entre duas ou mais disciplinas para ampliar a compreensão de um determinado fenômeno. Desta forma, cabe ao professor polivalente e/ou professor especialista, realizar a intersecção de uma determinada temática entre variadas disciplinas com o propósito de as incorporar nos trabalhos pedagógicos.

Diferentemente dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, o professor polivalente que atua na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental encontra um campo privilegiado para implementar as práticas

interdisciplinares, visto que não há a dependência e colaboração dos professores das demais disciplinas para poder pôr em prática os projetos.

## 1.2 Gestão do tempo e modalidades organizativas

Um dos grandes desafios de se organizar os conteúdos para trabalhar com a interdisciplinaridade é a gestão do tempo. O tempo didático deverá passar por diversas reorganizações do conhecimento para ficar compatível com os conteúdos contemplados por uma determinada etapa da escolarização, de modo que ela seja vista como sujeito ativo no processo de aquisição dos saberes sem pular etapas e em consonância com a BNCC e objetivos da série que se encontra.

Por esse motivo, é imprescindível flexibilizar a duração das situações didáticas e viabilizar a retomada do conteúdo em outro momento sob uma perspectiva diferente, o que implica em aderir diferentes modalidades organizativas que coexistem e se articulam ao longo do ano letivo.

As modalidades organizativas que se são aliadas do bom desempenho e funcionamento do trabalho interdisciplinar, são:

**Atividades permanentes:** Atividades com repetição sistemática e previsível devido a relevância para o desenvolvimento de determinados atributos, como procedimentos, hábitos e atitudes. Exemplos: Leitura diária por parte do professor para a turma, roda de conversa semanal, exposição mensal dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula etc.

**Sequência de atividades:** Conjunto de atividades que se articulam para favorecer e priorizar a aprendizagem de determinado conteúdo e/ou objetivo que o professor almeja alcançar, que diferentemente do projeto, têm uma duração menor e não prevê um produto. Ela pode ser trabalhada individualmente, em grupos ou de forma coletiva.

**Situações independentes ocasionais:** Atividades que não foram planejadas, mas são relevantes no processo de aprendizagem. Exemplo: Matéria de jornal trazida pelo aluno, que devido sua importância social, vira pauta na aula e pode puxar diversos conteúdos trabalhados no passado em prol de reforçar sua relevância para os discentes.

**Situações independentes de sistematização:** Atividades que contribuem para a aquisição e compreensão de determinado conteúdo previamente abordado pelo professor, e que está diretamente relacionada com as expectativas de aprendizagem definidas para um período específico. Exemplo: Trabalho bimestral solicitado pelo corpo docente sobre um conteúdo específico abordado no decorrer daquele período.

**Projeto:** Conjunto de atividades que são planejadas de forma sequenciada, relacionam-se entre si e fazem sentido em função do resultado desejado. Tais atividades abordam um conhecimento específico que foi construído, e derivam de um eixo de trabalho organizado ao redor de um problema a ser resolvido ou do produto final que se deseja obter. A duração de um projeto varia conforme o objetivo e pode sofrer alterações sempre que necessário, visto que o mesmo possibilita o contato com as práticas sociais reais, se caracterizando como imprevisível. Uma especificidade do projeto, é o fato dele não possuir um modelo pré-estabelecido para a elaboração, pois visa o respeito à subjetividade dos grupos com os quais quer desenvolver. Por esse motivo, sua principal característica é a visibilidade final do produto e compartilhamento da solução do problema com todos os envolvidos no processo, não apenas as crianças.

### 1.2.1 Projetos e a interdisciplinaridade

Como a base para a elaboração de um projeto é uma questão a ser respondida e o produto final, há a articulação entre diversas disciplinas para obter o resultado desejado. Dessa forma, os saberes adquiridos se transformam em referências para diversas situações, permitindo generalizações e se tornando um método eficiente para abordar os conteúdos de modo interdisciplinar dentro das escolas.

Conforme Andrade e Solingo (1997), há princípios que expressam as necessidades de ordem didática que só podem ser privilegiados por meio do trabalho por projetos.

Os princípios em questão, são os:

- Concepção dos educandos como sujeitos da própria aprendizagem;
- Elaboração coletiva de propostas a serem implementadas na sala, que abrangem professores e alunos em sua elaboração;

- Compartilhamento das certezas e discussões do grupo, permitindo a construção de conteúdos atitudinais relevantes para os envolvidos;
- A contextualização das propostas de ensino construídas por meio da mediação entre a aprendizagem dos alunos e a metodologia de ensino do professor;
- Perspectiva da utilização social dos conteúdos por parte da escola, que deverá oportunizar a abordagem deles através de situações sociais reais;
- Compatibilização e equalização entre os objetivos de ensino e os objetivos de realização do discente.

O corpo docente precisa ter clareza sobre quais conteúdos podem ser mobilizados para que a compreensão de determinado tema/questão a ser estudado ocorra, pois só assim o projeto se constituirá como uma modalidade organizativa promotora de aprendizagens significativas, que faça sentido e tenha significância para os educandos. Por esse motivo, é valioso que os alunos participem da tomada de decisões, planejamento e negociação do projeto, pois isso assegurará o engajamento, a motivação e interesse em acompanhar cada etapa de desenvolvimento desde a elaboração até o produto final.

### **1.3 O Estudo do Meio**

O Estudo do Meio é uma metodologia de ensino-aprendizagem que ultrapassa o ambiente escolar, ocorrendo em espaços não formais da educação a partir dos conteúdos ministrados em sala de aula. Através da dialogicidade e trocas de experiências, ele visa a construção de saberes pelos e entre os sujeitos envolvidos, relacionando a prática com a teoria.

Com base na pesquisa de Lopes e Pontuschka (2009):

O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 174).

Em suma, o Estudo do Meio visa promover aprendizagens significativas que façam sentido para os discentes, trabalhando diretamente com a realidade em que estão inseridos e os tornando protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

### **1.3.1 Origem do Estudo do Meio**

O Estudo do Meio é uma prática pedagógica que foi inspirada nos pensamentos de alguns educadores históricos, dentre eles, destacando-se Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet (1896-1966), que percebiam que o Estudo do Meio é uma forma dos estudantes obterem aprendizados significativos de forma proximal, seja natural ou socialmente em acordo com a realidade estudada. Dessa forma, constitui-se como uma prática nova no meio educacional.

Conforme relato de Goettems (2006):

A metodologia de ensino que atualmente é denominada, ainda que muitas vezes de forma indiscriminada, de “Estudos do Meio”, é o resultado do trabalho de inúmeros educadores que, ao longo de várias décadas, se dedicaram a construir práticas de ensino que possibilitassem uma melhor compreensão do mundo e a superação dos desafios sócio-educacionais que se lhes apresentavam à época. (GOETTEMS, 2006, p. 52)

Segundo Pontuschka (2004) e Bittencourt (2005), no Brasil, os Estudos do Meio se propagaram nos anos de 1960 no escolanovismo, e através do movimento de renovação do ensino, educadores passaram a adotar a prática no currículo, com intuito em proporcionar uma aprendizagem mais significativa.

Os Estudos do Meio foram proibidos no Brasil a partir de 1968, por conta da censura e repressão promovidas pelo governo militar. Por este motivo, eram praticados de forma clandestina, visto que o ato era considerado audacioso pelos militares, que por sua vez, baniram a sua prática no processo de ensino-aprendizagem.

Após a crise do governo militar e com a redemocratização do Brasil, entre 1978 e 1979, os Estudos do Meio voltaram a ser praticados pelos educadores, ação que foi apoiada com a ênfase por Paulo Freire, quando esteve à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, de 1989 até 1990. De acordo com Pontuschka (2004), a partir desse momento, os Estudo do Meio passaram a ter resultados

positivos através de desempenho de elo integrador de práticas interdisciplinares desenvolvidas para atendimento de alunos da escola básica.

### **1.3.2 O Estudo do Meio: Prática e resultados**

É de extrema importância que os conteúdos utilizados nas atividades de Estudos do Meio sejam abordados e escolhidos em concordância por aqueles que irão a realizar. É imprescindível que ocorra estudo prévio do tema em sala de aula, pois através dele se viabiliza o desenvolvimento das estratégias pedagógicas que instiguem os alunos a pesquisa investigativa e compartilhamento dos conhecimentos adquiridos com os seus semelhantes. Portanto, para que se tenha êxito nessa metodologia, faz-se necessário o planejamento da atividade antes, durante e após a execução da prática de Estudo do Meio.

Conforme Fernandes e Fávero Sobrinho (2016):

No Estudo do Meio, os alunos elegem o local a ser estudado/explorado, analisam as múltiplas possibilidades de abordagem da pesquisa, selecionam dados, trabalham com metodologia da história oral e, por fim, protagonizam o processo de produção de um relatório, que em sua essência é um exercício de protagonismo, pois esse conhecimento é de autoria daquele grupo. Nesse processo, exercitam a construção coletiva a partir do conhecimento compartilhado (FERNANDES e FÁVERO SOBRINHO, 2016, p.142).

E conforme a descrição presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

O estudo do meio envolve uma metodologia de pesquisa e de organização de novos saberes, que requer atividades anteriores à visita, levantamento de questões a serem investigadas, seleção de informações, observações em campo, comparações entre os dados levantados e os conhecimentos já organizados por outros pesquisadores, interpretação, enfim, organização de dados e conclusões (BRASIL, 1997, p. 61).

Faz-se necessário considerar que:

é no local, conhecendo pessoalmente casas, ruas, obras de arte, campos cultivados, aglomerações urbanas, conversando com os moradores das cidades ou do campo, que os alunos se sensibilizam, também, para as fontes de pesquisa histórica, isto é, para os “materiais” sobre os quais os especialistas se debruçam para interpretar como seria a vida em outros tempos, como se dão as relações entre os homens na sociedade de hoje ou como são organizados os espaços urbanos ou rurais. O estudo do meio é, então, um recurso pedagógico privilegiado, já que possibilita aos estudantes

adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo de que fazem parte (BRASIL, 1997, p. 62).

Dessa forma, as atividades de observação passivas permitem a construção dos conceitos, porém, apenas com a exposição a experiência, contato com a realidade, mundo físico e social, vivência do espaço, proximidade com as memórias do local e análise dos registros, é que a aprendizagem se consolida.

## **2 PLANEJAMENTO DO ESTUDO DO MEIO**

Para o alcance de resultados satisfatórios nas atividades de Estudo do Meio, é importante o planejamento das etapas a serem desenvolvidas, modalidades organizativas, ação a ser discutida e acertada previamente com os alunos, desde a escolha do objeto de estudo.

O planejamento das etapas para o desenvolvimento da atividade, são primordiais para que a atividade transcorra de acordo com a intencionalidade, de forma que discentes e docentes possam desenvolver seus papéis, de acordo com o Estudo do Meio enquanto prática de ensino-aprendizagem, atendendo ao plano de aula traçado, na leitura dos resultados obtidos através de processo avaliativo e o proposto no currículo.

### **2.1 A escolha do tema a ser estudado – Etapa 1**

Em consonância com os alunos, deverá ser escolhido o tema a ser abordado nas atividades de Estudo do Meio, finalizando com a solicitação de pesquisas relacionadas ao tema com intuito de instigar o processo investigativo, explicação, discussão e compartilhamento de conhecimentos adquiridos.

#### **2.1.1 A escolha do local para a prática do Estudo do Meio**

A prática do Estudo do Meio deve ser realizada em um espaço não formal, onde os alunos terão contato com o objeto de estudo de acordo com o conteúdo previamente apresentado. O local a ser escolhido deverá estar de acordo com os objetivos didáticos da proposta.

#### **2.1.2 A organização, autorizações e o transporte para o local**

Para a saída até o local a ser visitado, os alunos devem estar outorgados da autorização de seus responsáveis legais, que se necessário, irão custear o transporte, alimentação e entrada ao local. Os educadores ficam incumbidos de comandar a organização dos membros que irão praticar as atividades de Estudo do Meio,

acompanhando processos como saída da escola, transporte e permanência no local, uma vez que se encontram em posição de responsabilidade pelos discentes enquanto eles estiverem fora dos muros da instituição de ensino. Os educandos devem ser orientados quanto aos objetivos a serem alcançados, e dos materiais a serem utilizados para o registro de informações referente ao estudo, que serão primordiais para a realização das etapas posteriores.

## **2.2 Durante a permanência no local – Etapa 2**

Durante a permanência no local, o professor deverá conduzir os alunos durante a prática dos estudos. Ele será o articulador entre os discentes e o objeto de análise e investigação, devendo utilizar estratégias para facilitar a construção dos conhecimentos com sentido e significância para eles, os incentivando a observar os aspectos fundamentais do tópico de estudo e discutirem entre si. Deverá, ainda, orientá-los quanto às formas de registros, seja por anotações, fotos, vídeos etc., instrumentos importantes para a construção da próxima etapa.

## **2.3 Percepções quanto aos aprendizados – Etapa 3**

Após a visita ao local onde se obteve contato com a prática do objeto de estudo, os alunos deverão trazer para a sala de aula os conhecimentos adquiridos através do Estudo do Meio, juntamente com as percepções individuais e a socialização dos aprendizados e dos registros adquiridos. Atividades como trabalhos em grupo, construção de relatórios e apresentações são formas de demonstrar o que foi aprendido, promover interação entre os sujeitos e socializar os saberes adquiridos, permitindo que o professor avalie e perceba se houve o alcance das metas e propósito predeterminados, com ênfase nos conteúdos propostos para a atividade.

## ENSINAR E APRENDER EXPLORANDO O MEIO

O Estudo do Meio desempenha uma função integradora do trabalho educativo da escola, correspondendo a “uma atividade curricular que visa estimular o hábito da pesquisa, mostrar aos seus participantes, por um caminho metodológico bem definido, uma realidade que, de outro modo, não poderia ser compreendida” (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 189), e “esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos.” (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 173)

Conforme Paganelli (1996):

A vida social constitui um objeto privilegiado de estudo nas primeiras séries por: não dissociar a vida do aluno da sociedade em que ele vive; possibilitar, a partir do conhecimento e reflexão sobre os lugares de vivências da criança, a não dissociação do mundo atual, o tempo presente de um processo histórico-cultural que a criança participa [...]. (PAGANELLI, 1996, p. 230-231)

Dessa forma, o Estudo do Meio fornece elementos para que os alunos possam construir sua própria leitura de mundo e compreender a realidade material e das relações sociais vividas que se constroem no espaço local, visto que “[...] cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (Santos, 1996, p. 252).

Ensinar e aprender explorando o meio permite que os professores incorporem a lógica de interlocução ativa, de produção de conhecimento autoral e de desenvolvimento da autonomia intelectual enquanto constrói um currículo pautado pela “dialogicidade” e pelo despertar da “curiosidade epistemológica” de todos os membros da comunidade escolar (FREIRE, 2000), sendo mais significativo para os alunos.

### 3.1 O papel do aluno

O aluno desempenha o papel de sujeito ativo e interativo no processo de ensino-aprendizagem, não se limitando a adquirir saberes teóricos sem compreendê-los de fato. Seu trabalho envolve criar hipóteses e desenvolver sua própria estrutura mental, utilizando o Estudo do Meio como um fio condutor na construção de

conhecimentos que serão desenvolvidos por seus saberes e pelo compartilhamento com os demais integrantes do grupo.

Conforme Nunes (2017), é importante ressaltar que para que se ocorram os aprendizados, deve-se estabelecer a qualidade na comunicação que se dá através da relação professor/aluno, que devem se mostrar capazes para ouvirem e refletirem sobre os temas abordados no processo de aprendizagem. Embora essa ação eleja o professor como maior responsável, o aluno, por sua vez, deverá contribuir para o fortalecimento dessa relação com atitudes de comparecimento e participação ativa às aulas, expressando suas vivências, interesses e saberes já adquiridos.

### **3.2 O papel do professor**

No Estudo do Meio, os professores cumprem o papel de mediadores entre os alunos e os conhecimentos científicos, adaptando a estrutura e organização dos saberes e conteúdo em prol de combater a perspectiva técnica homogeneizadora e homogeneizante do currículo. As suas principais atribuições envolvem “favorecer/propiciar a inter-relação (encontro/confronto) entre sujeito (aluno) e o objeto de seu conhecimento (conteúdo escolar)” (FERNANDES e FÁVERO SOBRINHO, 2016, p. 137) de forma interdisciplinar, integrando tais saberes com o cotidiano, visto que se é um “recurso por excelência” para “[...] suprimir as fronteiras entre a escola e a vida” (MAGALDI, 1965, p. 70).

O Estudo do Meio também empodera os professores e permite que deixem de ser simples reprodutores de conhecimentos e metodologias de ensino produzidas por especialistas de renome, e se apropriem do caráter político da docência, valorizando as suas capacidades intelectuais e evitando ser “apenas o operário do currículo, mas também um dos seus arquitetos” (PACHECO, 1999, p. 48).

Corroborando com a reflexão de Callai (2010):

Estudar a realidade circundante é buscar o entendimento do que está acontecendo, seja no lugar, seja no mundo. Esse entendimento gera, necessariamente, um processo de aprendizagem com significado. Quer dizer, não é a escola simplesmente cumprindo conteúdos curriculares, mas desenvolvendo atividades que tornem o sujeito capaz de conhecer para mudar. E, principalmente, encontrar os caminhos para mudar. Estamos vivendo num mundo que precisa ser

conhecido e compreendido, não pelo lugar em si, mas pelo conjunto no qual ele se contextualiza. (CALLAI, 2010, p. 35)

Como as crianças afirmam ideias, conceitos e valores que determinarão a sua identidade perante a sociedade na qual está inserido através da afetividade, o comportamento humano, que sofre influências biológicas e cognitivas, também é afetado por fatores emocionais, que estão diretamente ligados à motivação. Dessa forma:

A aprendizagem significativa precisa considerar esse conjunto de fatores, já que eles interferem na interação e na motivação da criança. O aluno deve estar motivado a sentir-se capaz de realizar o que lhe é proposto, descobrindo novas experiências, com sentimento de autonomia. (NUNES, 2017, p. 18)

E conforme também é evidenciado por Nunes (2017):

O professor consciente de seu papel deve respeitar a identidade de seus alunos, criando um ambiente educativo, com vista a alcançar uma aprendizagem significativa. Nessa perspectiva, conclui-se que uma aprendizagem significativa está inteiramente ligada a forma como o professor estimula seus alunos a transformar atitudes gerando ações conscientes e críticas. Ou seja, uma aprendizagem significativa tem como objetivo permitir que tudo que foi mediado tenha significado e que possa ter aplicabilidade no cotidiano do aluno. (NUNES, 2017, p. 19)

Cabe ao professor orientar e dialogar a vida cotidiana com o currículo escolar, e por esse motivo deve se inteirar da realidade em que os alunos estão inseridos. A comunicação é uma grande aliada no processo de ensino-aprendizagem. Estabelecer uma comunicação não violenta e ouvir os alunos de forma que expressem suas ideias e interesses, tende a fortalecer os laços de confiança entre professor/aluno, resultando no sucesso dos objetivos de aprendizagem.

Os professores ensinam conteúdos pedagógicos para os discentes, mas também educam para a vida em sociedade, entrando na questão da Educação Integral, pois conforme o provérbio africano “é preciso toda uma aldeia para educar uma criança”, defendendo que a educação deva ser fruto de um projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidade.

### **3.2.1 Educação Integral**

A Educação Integral, segundo Jardini (2018, p. 6), “fundamenta-se na noção de que nós nos educamos durante toda a vida, nos mais diversos espaços, tempos e com as mais diferentes pessoas”.

Sendo assim, a Educação Integral assegura a centralidade do processo de ensino-aprendizagem no aluno e na sua construção de forma holística, articulando o acadêmico com os saberes dos educandos e comunidade. Ela dialoga com as mais variadas linguagens, contextos e ritmos que integram as experiências formativas, podendo estar relacionadas ao conhecimento do corpo, sentimentos, relações sociais, afetivas, intelecto e expressões socioculturais.

Para a boa execução da Educação Integral, é fundamental adequar os espaços físicos das escolas e os profissionais, investindo mais horas no planejamento pedagógico e nas suas dimensões, como currículo, práticas educativas, recursos e tempo, visto que aumentar a jornada não deve equivaler a aumentar o período dentro da sala de aula. O planejamento deverá ser sempre orientado de acordo com os interesses, necessidades, perspectivas para o futuro e contexto dos educandos, aproximando os pais, cuidadores e comunidade do ambiente escolar através de reuniões e atividades que integrem esses grupos, como o Estudo do Meio, possibilitando que os gestores conheçam a realidade e dificuldade dos discentes para aderir diferentes abordagens educacionais, podendo também estreitar o vínculo entre os pais e filhos.

### **3.2.2 O papel da escola na Educação Integral**

Na Educação Integral, a escola se transforma em um ambiente em que todos tenham a formação integral garantida, assumindo o papel de articuladora das diversas experiências educativas que os educandos possam ter dentro da sala de aula, quanto fora da instituição de ensino, a partir de uma intencionalidade que favorece aprendizagens importantes para o seu desenvolvimento integral através da organização dos tempos e espaços.

Dessa forma, a escola deve assegurar a:

**Centralidade nos estudantes:** O educando é o centro do processo educativo. Isso significa que todas as dimensões do projeto político pedagógico, tais como currículo, práticas educativas, recursos, agentes educativos, espaços e tempos são elaborados, permanentemente avaliados e reorientados a partir do contexto em que estes alunos vivem, seus interesses, necessidades de aprendizagem e desenvolvimento. (Jardini, 2018, p. 8)

**Aprendizagem permanente e currículo integrado:** A multidimensionalidade dos sujeitos é contemplada no processo de ensino-aprendizagem, garantindo interações e estratégias que garantam o desenvolvimento intelectual, social, emocional, físico e cultural.

**Inclusão:** Acesso e permanência em classe comum da rede regular, pregando o respeito às diferenças, sejam deficiências, origem étnico-racial, condição econômica, origem geográfica, orientação sexual, religiosa e etc.

**Gestão democrática:** Diálogo permanente e o acompanhamento das ações e resultados das escolas por todos os envolvidos, envolvendo a participação ativa dos alunos, educadores, famílias e comunidade.

**Ampliação do tempo:** Articulação dos diferentes espaços e tempos de aprendizagem disponíveis, garantindo a ampliação e diversificação de interações significativas para todas as pessoas.

**Ambiência:** Os espaços educativos tradicionais, como a sala de aula, deixam de ser considerados como os únicos espaços de aprendizagem.

### 3.2.3 O papel do território e da intersetorialidade

Na Educação Integral, o território tem o papel educativo definido a partir de 4 dimensões. O Contexto, a Participação, o Conhecimento e a Intersetorialidade.

O Contexto expressa as identidades, a cultura, as condições de vida e a história das pessoas, reconhecendo e integrando o território, e servindo para a construção dos vínculos entre educadores e alunos e a pertinência do projeto pedagógico. Sem a integração com o território, não há Participação efetiva das famílias e da

comunidade, pois isso depende que as pessoas se sintam reconhecidas e parte do projeto educativo. Já o Conhecimento do território promove interações significativas, onde pessoas, saberes e recursos diferenciados podem ser articulados ao itinerário formativo dos alunos, enriquecendo seu repertório e garantindo novas aprendizagens, ampliando seu olhar sobre o território e fortalecendo sua autonomia para estabelecer conexões possíveis para além das instituições. A Intersetorialidade cria condições para a educabilidade, ou seja, promove circunstâncias dignas de vida e atendimento dos direitos básicos, como saúde, desenvolvimento social, cultura, esporte e lazer.

A relação intrínseca entre a Educação Integral e o território, evidencia como o Estudo do Meio é enriquecedor para o processo de ensino-aprendizagem. Por serem procedimentos indissociáveis, ambos alavancam uns aos outros e asseguram o papel educativo do Estudo do Meio como prática pedagógica de aprendizagem.

### **3.3 O papel da escola**

No Estudo do Meio, a escola se enquadra na tendência liberal renovada, que segundo Libâneo (1990), acentua a cultura do desenvolvimento das aptidões individuais, preparando os educandos para assumirem papéis na sociedade enquanto considera as necessidades dos educandos no meio social, imitando e reproduzindo a vida.

O papel da escola nesta tendência é preparar o aluno para assumir um papel na sociedade, para tal, os conteúdos estão baseados nas experiências vividas dos alunos diante das situações problemas que lhes são impostas. Os métodos utilizados baseiam-se nas experiências, nas pesquisas e nos métodos de solução de problemas. O professor nesse processo, nada mais é que um auxiliador no desenvolvimento da criança, que ocorre de forma livre. A aprendizagem baseia-se na motivação e na solução de problemas (LIBÂNEO, 1990).

Dessa forma, a prática pedagógica das escolas no Estudo do Meio deverá ser centralizada no aprender fazendo, onde o aluno é o elemento principal que possui as suas necessidades e interesses considerados como base do processo de ensino-aprendizagem, que por sua vez, compreende o ambiente como um meio de estimular a aquisição de saberes com sentido e significância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito inicial desse estudo, era identificar como o Estudo do Meio pode ser útil no processo de ensino-aprendizagem dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental para além das condutas adotadas no currículo escolar, visando maior alcance aos conteúdos de variadas disciplinas de forma significativa.

Conseguimos comprovar a sua eficácia no alcance aos saberes de diversas disciplinas com sentido e significância para os educandos, partindo do pressuposto de que “os conhecimentos construídos de maneira interdisciplinar se constituem como importantes elementos para a compreensão da complexidade do mundo no qual as crianças estão inseridas” (TOLEDO e LACERDA, 2018, p. 31), superando a fragmentação dos saberes e os definindo como instrumentos de ação sobre o mundo para as partes envolvidas, especialmente para as crianças.

Outro ponto de investigação, era entender como relacionar o conhecimento com a práxis pedagógica e com os conteúdos ministrados em sala de aula. Descobrimos que o Estudo do Meio por si só faz a intersecção desses aspectos, visto que geralmente é abordado por projetos e pautado nas vivências. Isso significa que é imprevisível, está em constante desenvolvimento, e se atualiza/altera de acordo com a necessidade e contato com facetas do mesmo objeto de estudo de forma orgânica, agregando conhecimentos de acordo com as experiências, curiosidades e dúvidas dos alunos, não se restringindo os conteúdos adquiridos de forma passiva dentro das salas de aula e que normalmente estão fora da compreensão plena dos educandos, justamente por não fazer parte da realidade dos mesmos e/ou por não terem sido expostos de forma prática a eles.

Referente às práticas docentes, concluímos o quão importante é a participação do professor nas atividades de Estudo do Meio, desde o traçar do plano de aula, a organização, até a avaliação de resultados, ações que fazem a prática acontecer. Como mediador entre os alunos e o objeto a ser estudado, para que se tenha êxito na obtenção de conhecimentos dos alunos, é imprescindível a abordagem e utilização de estratégias no acompanhamento ao raciocínio dos educandos, de forma que venha intervir no momento oportuno e instigar a curiosidade deles, favorecendo a criação de suas hipóteses e a interação dos conhecimentos adquiridos com o grupo, resultando na promoção de novos saberes e aprendizados.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, André B. de; Marcellino, Nelson C. **O Estudo do Meio como Metodologia de Ensino: Considerações sobre a Possibilidade da Aprendizagem por Meio do Lazer e do Lúdico.** LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer. Belo Horizonte: Pampulha, 2013. p. 33.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – história, geografia.** Brasília. MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, Helena Copeti. **A Geografia Ensinada: os desafios de uma Educação Geográfica.** In: MORAES, Eliana Marta Barbosa de. Goiânia: NEPEC, 2010.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 192.
- FERNANDES, Maria Lídia Bueno; SOBRINHO, Antônio Fávero. **Cotidiano, sujeito e territórios nos anos iniciais da escolarização.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. São Paulo: Campinas, 2016. v. 6, n. 11, p. 133-159.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GOETTEMS, A. A. **Problemas ambientais urbanos: desafios e possibilidades para a escola pública.** Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- SARDENBERG, Agda R. M. **Temas Contemporâneos em Educação: Caminhos para uma Educação Integral.** Centro Universitário São Camilo Virtual. São Paulo, 2018.
- LIBÂNEO. José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1990.
- LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. (2009). **O Estudo do Meio: Teoria e Prática.** Revista Geografia. Paraná: Londrina, 2009. v. 18, n. 2, p. 173-190.
- NOGUEIRA, Marilac Luzia de Souza Leite Sousa; NETO, Jorge Megid. **Práticas interdisciplinares nos anos iniciais do Ensino Fundamental: um estudo de teses e dissertações.** Revista de Educação em Ciências e Matemática. Amazônia, 2013. v.9, p. 38.
- NUNES, Tarcia Gabriela Holanda Nunes. **A relação professor(a)/aluno(a) no processo de ensino aprendizagem.** João Pessoa: UFPB, 2017.
- PAGANELLI, Tomoko Iyda. **Iniciação às Ciências Sociais: os grupos, os espaços, os tempos.** Terra Livre – AGB, São Paulo, p. 225-236, nº 11/12. Ago 92/Ago 93.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Rio Grande do Sul: Novo Hamburgo, 2013. p. 277.

SANTOS, M. (1996). **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC.

TOLEDO, Maria Elena Roman de Oliveira; LACERDA, Sara Miranda de. **Profissionalização docente**: O Diálogo com o Mundo da Natureza e da Cultura. Centro Universitário São Camilo Virtual. São Paulo. 2018. p. 31.